

VÍRGULA: EXPLICAÇÃO OU COMPLICAÇÃO?

COMMA: EXPLANATION OR COMPLICATION?

Viviane Marmentini ¹

Alceu Vanzing ²

Resumo

Este artigo busca observar, em diversos tipos de texto, o uso incorreto da vírgula e seus efeitos na comunicação. O artigo apresenta alguns textos com os problemas mais comuns de uso incorreto da vírgula, mostrando que tipos de problemas são encontrados ao fazer mau uso da pontuação, em especial, da vírgula. Faz uma rápida comparação entre a Gramática Tradicional e a Neopedagogia da Gramática e apresenta, detalhadamente, a vírgula pela Neopedagogia.

Palavras-chave: Vírgula. Textos. Neopedagogia da Gramática.

Abstract

This article tries to observe, in many different types of texts, the misuse of commas and its effects in communication. The article presents some texts with the most common problems of incorrect use of commas, showing what kinds of problems are found when we misuse punctuation, specially, commas. It makes a objective comparison between the Traditional Grammar and the Neopedagogy Grammar and presents, in details, the commas according to the Neopedagogy.

Keywords: Comma. Texts. Neopedagogy Grammar.

No dia a dia, os problemas de pontuação são comuns, pois há a desatenção ou a falta de conhecimento. O uso incorreto dos sinais de pontuação, em especial, da vírgula, por vezes, acaba transmitindo uma mensagem distinta da que o emissor teria desejado apresentar. Seja por inobservância proposital, para que a mensagem fique ambígua, seja erro por descuido, transmitindo mensagem distinta da desejada, o fato é que, cada vez mais, leem-se em *outdoors*, em campanhas pela internet, na televisão e em outros meios de comunicação, muitos textos com problemas de pontuação. Fato esse que deixa os textos, ou ambíguos, ou com erros na comunicação da mensagem. Se observar bem, em qualquer texto, por menor que seja, sempre existirá maior número de vírgulas do que pontos. Veja-se, por exemplo, que no texto escrito até o momento, temos mais de 20 vírgulas e apenas 05 pontos

¹ Licenciada em Letras (Português, Espanhol e Respektivas Literaturas) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus Erechim. Pós-Graduada em Neopedagogia da Gramática pela Faculdade Tecnológica Instituto Pró-Universidade Canoense – IPUC. Finculada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS - Câmpus Canoas. E-mail: <viviane.marmentini@canoas.ifrs.edu.br>.

² Licenciado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola e suas respectivas literaturas pelo UNILASALLE, de Canoas/RS. Pós-graduado em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa pela UFRGS. Professor nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Tecnologia IPUC – FATIPUC –, de Canoas/RS. E-mail: <professor.alceu@gmail.com>.

finais. Isso prova que a vírgula é soberana, ou seja, sempre aparecerá com maior frequência do que qualquer outro sinal de pontuação.

2 Conceituando vírgula

Segundo o Dicionário Eletrônico Aurélio, vírgula é sinal de pontuação (,) com que se marca a pausa no discurso. Se ela é um sinal de pontuação, em primeiro lugar, deve-se analisar e conceituar esse conteúdo, segundo os gramáticos de nossa língua.

O gramático Evanildo Bechara (2009), na “Moderna Gramática Portuguesa”, diz que a pontuação é constituída por sinais gráficos, e que a vírgula está no grupo dos sinais gráficos essencialmente separadores.

Domingos Paschoal Cegalla (2008), na “Novíssima Gramática da Língua Portuguesa”, menciona três finalidades para os sinais de pontuação:

- a) Assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entonação) na leitura;
- b) Separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas;
- c) Esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambiguidade. (CEGALLA, 2008; pág. 428).

Segundo Cegalla (2008), não há uma uniformidade, entre os escritores, quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

Franciso Dequi (2002), autor da Neopedagogia da Gramática, conceitua pontuação como símbolos gráficos usados oficialmente na visualização das pausas de um texto. Já Luiz Antonio Sacconi (2004), autor da Nossa Gramática, pontuação é o conjunto de sinais gráficos destinados a indicar pausa mais ou menos acentuada de caráter objetivo, subjetivo ou distintivo.

A inobservância dos sinais da pontuação ou seu uso incorreto pode gerar ambiguidade e prejudicar a compreensão de qualquer texto. Quem lê mal, sem obedecer aos sinais de pontuação, demonstra não ser entendedor do texto que está lendo e tampouco consegue fazer-se entender pelos que o ouvem. A correta pontuação ajuda a dividir o pensamento, deixando-o claro e facilitando a compreensão.

Os principais sinais de pontuação são: o ponto-final, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, o ponto e vírgula, os dois pontos e a vírgula. Essa última será detalhadamente estudada neste artigo.

3 As funcionalidades da vírgula

“A vírgula é um sinal de pontuação. Tem como função indicar uma pausa e separar membros constituintes de uma frase.” Esta é a definição inicial, o conceito básico sobre a vírgula, que se aprende na escola.

Na Nossa Gramática, de Sacconi (2004), encontramos 28 (vinte e oito) regras distintas para o uso da vírgula que é definida como sinal de pontuação que indica pequena pausa na leitura, o que equivale a uma pequena ou grande mudança na entonação.

Na Sintagramática, de Dequi, observamos 7 (sete) normas para aplicarmos corretamente a vírgula, que é definida como sinal de pontuação que, além de marcar uma pausa curta, alerta sobre a inclusão de elementos estranhos a uma estrutura ou sobre o deslocamento de determinante dentro da estrutura. (2008; pág.231).

Percebe-se que os gramáticos são coesos ao definir a vírgula como marca de pausa curta, mas, ao aplicar os sinais de pontuação, as dificuldades são comuns, principalmente, da vírgula. Acontece que, na escola, esse sinal gráfico não é apresentado aos alunos com a devida atenção. Assim, na fase adulta, esses alunos enfrentam graves problemas na correta pontuação, pois não conseguem aplicar corretamente a vírgula.

Saber posicionar uma vírgula em seu devido lugar é muito importante para que não se tenham problemas na transmissão de mensagens. Um sinal inadequado ou em local inapropriado pode dar um sentido completamente diverso, ou até mesmo oposto, à mensagem desejada. Na obra Interpretação Objetiva, Francisco Dequi descreve a vírgula subjetiva como o sinal gráfico que, dependendo da colocação, pode alterar completamente a mensagem esperada. Observe os exemplos da obra citada:

Pontuação incorreta (mensagem equivocada):

Derrubar esta árvore não é crime ecológico.

Pontuação correta (mensagem desejada):

Derrubar esta árvore, não! É crime ecológico! (DEQUI, 2006; pág. 69).

Para elucidar e mostrar como a vírgula é importante na correta construção de uma frase, observe o texto comemorativo ao centenário da Associação Brasileira de Informação (ABI) que demonstra o poder da vírgula num texto.

Vírgula pode ser uma pausa... ou não.
Não, espere.
Não espere..

Ela pode sumir com seu dinheiro.
23,4.
2,34.

Pode criar heróis..
Isso só, ele resolve.
Isso só ele resolve.

Ela pode ser a solução.
Vamos perder, nada foi resolvido.
Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.
Não queremos saber.
Não, queremos saber.
A vírgula pode condenar ou salvar.
Não tenha clemência!
Não, tenha clemência!

Uma vírgula muda tudo.
ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.³

Além de sinal de pontuação obrigatório em construções frasais, a vírgula também pode ser usada para marcar ênfase em alguns tipos de texto. Em textos poéticos, por exemplo, ou então, em construções de frases como: “**Hoje** o céu e a terra me sorriram; **hoje** recebi o sol no fundo da minha alma. **Hoje** eu a vi, e ela olhou para mim. **Hoje**, acredito em Deus.” Neste caso, a vírgula, segundo Sacconi, foi posta apenas depois do último **hoje**, propositadamente, em virtude de o autor desejar dar ênfase maior a esta última oração.

Para elucidar a importância da correta virgulação, analise outro caso em que a vírgula, caso fosse bem empregada, não teria causado confusão.

A Clarice mal se casou e ainda na sua lua de mel, foi surpreendida por uma notícia prá lá de triste. Seu esposo foi convocado para ir para a guerra. Não tinha como dizer não. Nunca dá para dizer não. Não nos pertencemos. E ele se foi entre prantos e soluços.

A Clarice no seu desespero foi procurar uma cartomante muito famosa que atendia com hora marcada - e de preferência com pagamento

³ Texto disponível em: <http://reginavolpato.com.br/blog/2008/07/09/a-virgula-abi/> - acesso em 06/01/12. Vídeo institucional da campanha publicitária disponível em: www.abi.org.br/Virgula.avi

adiantado. Clarice adentrou a sala à meia luz, sentou numa cadeira amarela. A cartomante sentou-se à sua frente.

— O que você quer saber minha jovem?

— Bom, é que meu esposo foi para a guerra e eu preciso saber se ele vai voltar! Por favor, me fale!

A cartomante fez lá a sua macumbinha básica, jogou as cartas, olhou, analisou, pensou, repensou...

A Clarice apreensiva:

— Fala logo, pelo amor de DEUS!

— Eu não costumo falar para meus clientes o que as cartas me dizem. Esse é o meu diferencial. Dou o resultado por escrito; como um resultado de exame, entende?

— Claro.

— Bom, espera lá fora que minha secretária te levará o envelope com o que você quer saber.

A Clarice saiu. Ficou na sala de espera. Sala de espera tem um "Q" de desespero, não? Eu acho. A cartomante chamou sua secretária. Falou e ela escreveu. Lacrou o envelope e mandou que o entregasse à Clarice. Clarice recebeu o envelope e não se continha de tanta curiosidade. Estava angustiada, em total agonia. Mesmo assim se conteve e deixou para abri-lo em casa.

Ao chegar ao seu lar, correu para o quarto, sentou-se na sua cama vazia, abriu o envelope e...

— Graças a DEUS! - Clarice saltou, riu, gritou, cantou.

A mensagem: IRÁS VOLTARÁS NUNCA MORRERÁS.

O tempo passou. O tempo que passa e amassa a beleza do homem e sucumbem suas forças, impondo-lhe limitações. Um ano se foi e a guerra acabou. Passaram-se os dias e nada do soldado voltar. Passaram meses e o soldado não voltou.

Clarice correu na casa da cartomante tomada por uma grande fúria, disposta a tudo. Chegou xingando a cartomante.

— Calma minha filha. Calma.

— Como calma? Você me disse que meu marido iria voltar e cadê? Além do mais te paguei uma fortuna e era tudo mentira sua vagabunda.

— Calma. Deixa-me ver o papel.

— Ta aqui... Sabe ler? Olha: IRÁS VOLTARÁS NUNCA MORRERÁS.

A cartomante pegou o papel, olhou e com um sorriso tímido nos lábios explicou:

— Não minha filha; eu não te enganei.

— Como não?

— É que a minha secretária esqueceu-se de colocar as vírgulas no texto. Olha aqui: "irás voltarás nunca morrerás."

Vamos pôr as vírgulas: IRÁS, VOLTARÁS NUNCA, MORRERÁS!⁴

No texto citado, observa-se a importância da correta utilização da vírgula, pois se o comunicador soubesse aplicar corretamente este sinal gráfico, não teria provocado o problema exposto no texto. Deste modo, percebe-se nitidamente a grande importância da vírgula em qualquer texto, saber utilizá-la no cotidiano pessoal ou profissional é algo essencial para evitar problemas diversos.

Pela grande relevância desse sinal gráfico, a seguir, analisar-se-á a conceituação e a aplicação de duas correntes distintas sobre esse conteúdo. A

⁴ Texto disponível: <http://www.mementomori.com.br/index.php?option=comcontent&view=article&id=3758&catid=56:paradidatico&Itemid=222#ixzz1liYydWyP>. Acesso em 08 de março de 2012.

primeira, a visão apresentada pela gramática tradicional, aqui, representada pela Nossa gramática: teoria e prática, de Luís Antônio Sacconi (2004). A segunda, a visão diferenciada da Neopedagogia da gramática, de Francisco Dequi (2002).

4 A vírgula pela gramática tradicional

A gramática tradicional, neste trabalho, representada pela Nossa Gramática: teoria e prática, de Luiz Antônio Sacconi (2004), ensinada nas escolas de educação básica e conhecida como manual de normas para bem escrever.

A palavra gramática chamada, inicialmente, pelos gregos de *Tékhné Grammatiké*, expressão que mais tarde foi traduzida pelos romanos para *Ars Grammatica*, surgiu no Ocidente como arte de ler e escrever e como uma disciplina normativa.

O dicionário Aurélio da Língua Portuguesa conceitua Gramática da seguinte forma:

gramática. [Do lat. *Grammatica* < gr. *Grammatiké*, 'arte de ler e escrever', f. subst. De *grammatikós*.] S.f. **1.** A arte de falar e de escrever bem em uma língua. **2.** E. Ling. Estudo ou tratado que expõe as regras da língua-padrão (q. v.). **3.** Obra em que se expõem essas regras. **4.** Exemplar de uma dessas obras. **5.** E. Ling. Estudo da morfologia e da sintaxe de uma língua. **6.** E. Ling. Conhecimento internalizado dos princípios e regras de uma língua particular. **7.** E. Ling. Estudo sistemático desse conhecimento. **8.** E. Ling. Estudo dos morfemas gramaticais de uma língua, como artigos, preposições, conjunções, desinências (FERREIRA, 1999, p.1003).

O dicionário confirma a teoria de que a gramática é o manual de ler e escrever bem, com regras que sistematizam a língua pátria. As escolas de Educação Básica utilizam em seus currículos normas gramaticais, assim sendo, a gramática tradicional é o livro didático dos discentes.

A gramática tradicional, de Sacconi, livro utilizado como apoio didático em muitas escolas básicas, menciona 28 regras para o bom uso da vírgula. Segundo o autor, usa-se a vírgula para

- 1 – separar palavras ou orações de mesma função sintática. Exemplo: Meu carro é quatro portas e tem ar condicionado, ar quente, desembaçador traseiro, roda de liga leve, dentre outros.
- 2 – separar os vocativos. Exemplo: Amigo, pergunte de quem ela gosta.
- 3 – separar o aposto do termo fundamental. Exemplo: Viviane, aluna da FATIPUC, está escrevendo sobre o uso da vírgula.

- 4 – separar algumas palavras ou interposições como: por exemplo, porém, isto é, aliás, então, outrossim, pois, todavia, etc. Exemplo: Havia uma gritaria no prédio. Eu, porém, não me importava.
- 5 – separar o adjunto adverbial com o objetivo de dar-lhe ênfase. Exemplo: A boca é, nas mulheres, a feição que menos nos esquece.
- 6 – separar orações coordenadas assindéticas. Exemplo: “O tempo não para no porto, não apita na curva, não espera ninguém”.
- 7 – antes de conjunções coordenativas, exceto “e” e “nem”. Exemplo: Pedi que ficasse, mas decidi sair.
- 8 – antes de “não”, quando estiver antecedido de “mas” subentendido. Exemplo: “Os lobos mudam seu pelo, não seu coração.”
- 9 – separar orações iniciadas por “e”, quando os forem sujeitos diferentes. Exemplo: “Quantas vezes a vírgula modifica uma sentença, e uma palavra pode destruir uma grande e velha amizade.”
- 10 – antes de “ou” e de “nem” enfáticos. Exemplo: Não saio de casa hoje, nem morta. / Estás querendo uma casa, ou um palácio?
- 11 – antes de “e” e “nem” repetidos por ênfase ou enumeração. Exemplo: E Deus criou o céu, e a terra, e o mar, e tudo o que há neles.
- 12 – separar do nome da obra, autos de processo, página e outras indicações. Exemplo: Nossa Gramática – Teoria e Prática, 20.^a edição, pág. 416.
- 13 – separar do nome do autor, o da obra. Exemplo: Luiz Antonio Sacconi, Nossa gramática.
- 14 – separar nome da localidade, nas datas. Exemplo: Canoas, 20 de fevereiro de 2012.
- 15- separar termos ou orações que, deslocados, quebram uma sequência sintática. Exemplo: Seus cabelos, embora macios e sedosos, a deixam com um ar de velhota.
- 16 – separar orações adverbiais e substantivas quando antepostas à principal. Exemplo: Embora esteja diagnosticada depressiva, não vou demonstrar a ninguém.
- 17 – separar orações reduzidas de gerúndio, participio e infinitivo. Exemplo: Terminada a reunião, nos foi oferecido o jantar.
- 18 – isolar orações adjetivas explicativas. Exemplo: Porto Alegre, que é a capital gaúcha, tem trânsito intenso.
- 19 – separa adjetivos predicativos. Exemplo: Não esperava que ela, tão inteligente e polida, falasse daquela maneira.
- 20 – separar objetos pleonásticos ou termos repetidos. Exemplo: Amigos sinceros, já não há. / Mulheres, mulheres, mulheres, quantas mulheres!
- 21 – separar termos deslocados de sua posição normal na oração. Exemplo: Os livros, você chegou a comprar?
- 22 – indicar omissão de palavra (geralmente verbo), ou grupo de palavras. Exemplo: Um anjo, essa menina.
- 23 – separar orações principais e coordenadas. Exemplo: “A ausência prolongada, digam o que disserem, é prejudicial às mais estreitas amizades”. (Júlio Dantas).
- 24 – destacar palavras ou expressões isoladas. Exemplo: Formação não diploma, é o de que precisamos.
- 25 – antes da abreviatura “etc”. Exemplo: Comprei livros, cadernos, lápis, borrachas, etc.
- 26 – separar palavras repetidas com função superlativa. Exemplo: Os namorados passearam juntinhos, juntinhos!
- 27 – separar os elementos paralelos de um provérbio. Exemplo: Tal pai, tal filho.
- 28 – depois do “sim” e do “não” usados em respostas no início da frase. Exemplo: Sim, vou para a escola (SACONI, 2004; pág. 504 a 514).

Na gramática de Sacconi, percebe-se um número extenso de regras para aplicar corretamente as vírgulas. Essas normas são as ensinadas no cotidiano

escolar, motivo pelo qual muitos saem da educação básica sem saber pontuar corretamente. Além disso, um número tão extenso de regras acaba confundindo o estudante e dificultando a internalização do aprendizado.

Em contraponto a essas regras, apresenta-se a visão da Neopedagogia da Gramática, pois nela encontra-se um número muito menor de preceitos para o discente ministrar com segurança as vírgulas.

5 A vírgula pela neopedagogia

Inicialmente, explana-se que a Neopedagogia da Gramática é um método inovador para o ensino da gramática, pois se estriba na lógica de levar o discente a perceber o fato gramatical. Vanzing, na obra *Confronto Gramatical – Bechara x Dequi*, menciona

Esta nova didática é denominada de Neodidática da Língua Portuguesa e tem como autor e mentor do projeto o Professor Francisco Dequi, um gaúcho que tem dedicado a maior parte de sua vida aos estudos e às pesquisas sobre o idioma pátrio.

A Neodidática busca a raiz da língua. Seus estudos são calcados na língua materna, na língua internalizada. Não procura impor as regras tradicionais que, muitas vezes, são falhas ou incoerentes. Busca o simples, o lógico, a didática coerente para não torturar os estudiosos do idioma pátrio.

O projeto busca a modernização do ensino gramatical. Luta pelo não abandono da gramática, é a favor do uso do texto no ensino, mas menciona que é impossível ensinar Português unicamente por meio de textos, sem ancorar-se no arcabouço gramatical básico.

A Neodidática conceitua a gramática como um documento que zela pela unidade linguística nacional e orienta a lavratura de bons textos. Tal postura não significa que devemos coibir a modernização de sua pedagogia, a maneira de levar ao domínio gramatical. A língua é dinâmica, sim, mas, entre as neolatinas, há regras básicas, lógicas e estáveis, principalmente, no aspecto sintático. Essas devem ser registradas, difundidas e ensinadas por métodos globais e modernos, mais objetivos do que o imposto pelos compêndios tradicionais. Este é um “outro caminho que leva a dominar a gramática viva que comanda a estrutura e o funcionamento da Língua Portuguesa”. (VANZING, pág. 31 e 31, 2011).

De acordo com Vanzing, compreende-se que a Neopedagogia da gramática é uma nova forma de transmitir as normas natas da língua portuguesa. Nessa visão, que possui como mentor o professor Francisco Dequi, apresentam-se a conceituação e as regras para utilização correta da vírgula.

Para Francisco Dequi, na obra *Redação por Recomposição*, as regras de uso da vírgula são baseadas na estrutura lógica das orações. Sendo assim, as

chamadas *orações adverbiais* (determinantes) devem ser separadas por vírgulas quando vierem antes da frase principal (determinada). O autor cita os seguintes exemplos para ilustrar a assertiva: 1) “*Quando eu era pequeno*, não percebia essa maldade no meio dos homens.”; 2) “*Em um naufrágio*, quem está só ajuda-se mais facilmente.”.

Qualquer oração explicativa que se insira no meio da oração principal, deve ser separada por duas vírgulas, as quais Dequi (2002) chama de vírgulas parênteses. Observe os exemplos: 1) “Joana, *a faxineira da casa assaltada*, não compareceu para dar depoimento.”; 2) “Viviane, *pós-graduanda em Neopedagogia da Gramática*, está escrevendo seu artigo.”.

Dequi ainda cita que todas as orações coordenadas sindéticas, com exceção das aditivas positivas ligadas por “e”, são separadas por vírgula pausal. Já as conclusivas podem ser separadas, inclusive, por ponto e vírgula. Fite os seguintes exemplos: 1) “Saí e voltei. Saí, *mas voltei*.”; 2) “Ele está em casa; *portanto voltou*.”; 3) “Fique, *ou vá*.”.

No livro citado, o autor neopedagógico menciona que a vírgula no interior de oração ocorre para isolar o vocativo, o aposto, o advérbio e a conjunção deslocados, além de palavras explicativas ou corretivas. Além dessas, pode-se encontrar vírgulas marcando a elipse verbal ou a conjunção “e”, como se percebe nos seguintes exemplos: 1) “Eu escrevo com a mão direita e *tu, com a esquerda*.”; 2) “Eu gosto de maçãs e *você, de peras*.”; 3) “Marcos comprou *livro, cadernos, papel e envelopes*.”; 4) “*As rosas, as margaridas, as violetas e as orquídeas* são flores muito especiais.”.

O mentor da Neopedagogia observa que quaisquer palavras, expressões, orações explicativas ou corretivas, enfim, toda a estrutura intercalada que rompa a colocação normal da oração, deve estar isolada por vírgulas.

Ainda na Redação por Recomposição, Dequi expõe as vírgulas proibidas, enfatiza o autor que não se isola com vírgula os polos essenciais ou integrantes da fórmula da oração. O professor quer dizer que jamais se deve “quebrar” a estrutura de uma oração, colocando uma vírgula para separar termos essenciais. Observe os exemplos apresentados:

Viviane, ganhou, um livro de Neopedagogia, da Gramática.

Você quer estudar, neopedagogia?

A secretária, da escola deixou o atestado pronto.

Neste contexto, observa-se que o autor da obra *Redação por Recomposição* aborda o uso da vírgula de maneira simples, direta e entendível, fazendo com que qualquer pessoa que tenha acesso ao livro possa entender o uso desse tão utilizado sinal de pontuação.

Dequi cita ainda que a vírgula, por ser usada dentro de uma oração e também entre as orações, é a marca pausal de um texto e a que possui maior influência na clareza da escrita e deve ser estudada com bastante atenção. Com base nas pesquisas que realizou, Dequi aborda, na *Sintagramática*, apenas sete regras para aplicar corretamente a vírgula. O autor nomeia a primeira regra como *Vírgulas-parênteses*, observe:

1. Vírgulas Parênteses

()

Tu, Catilina, continuas em nosso meio?

O sujeito não se separa do verbo por uma vírgula. Há, ali, apenas um parêntese feito por vírgulas, ou seja, um casal de vírgulas.

Retenha: “As vírgulas-parênteses corretas sempre são ultrapassadas por um sintagrama⁵.”

Denunciaremos₁ garantiu ele₁ o caso ao Ministério.

Observe ainda estes exemplos, onde se veem claramente os enxertos:

Isso é um esqueleto pré-histórico. (normal)

Isso, portanto, é um esqueleto pré-histórico. (com enxerto)

Isso, disse o arqueólogo, é um esqueleto pré-histórico.

As vírgulas-parênteses ocorrem:

a) com conjunções pospositivas (deslocadas) que interrompem a oração e se introduzem no meio desta. As conjunções, normalmente, localizam-se no início da oração e não no meio dela. Eis por que, quando deslocadas, são consideradas elementos intrusos e isolam-se pelas vírgulas-parênteses.

Nós₁ porém₁ não o julgamos inocente.

Somos₁ pois₁ irmãos.

És₁ portanto₁ o responsável por isso.

b) com expressões explicativas ou corretivas.

Vocês₁ por exemplo₁ estão melhor do que eles.

Os dois₁ digo₁ os três estão bem.

c) com nome-adnome explicativo e apreposicionado (aposto).

Lúcio₁ pai de Libório₁ também criticou a ideia.

Iracema₁ obra indianista₁ foi escrita por José de Alencar.

d) com as orações adnominais (adjetivas) longas ou redundantes e dispensáveis, principalmente quando se introduzem pelos relativos CUJO, O QUAL, A QUAL, OS QUAIS e AS QUAIS.

O livro₁ em cujas páginas encontrei essa versão₁ foi julgado muito bom.

Os cantores₁ entre os quais está teu filho₁ foram convidados para os festejos.

Obs.: Convém lembrar que as conjunções “porém, contudo, todavia, entretanto, portanto, pois”, bem como as palavras ou expressões corretivas ou explicativas “aliás, digo, por exemplo, ou melhor, enfim, além disso, a meu ver, na minha opinião...”, quando POSPOSITIVAS (deslocadas para o

⁵ Sintagramas são sinais, em forma de setas, visuais e gráficos, criados pelo professor Francisco Dequi, que ajudam o aluno a interpretar as funções de cada termo dentro de uma estrutura oracional.

meio da estrutura oracional), incidem na regra das VÍRGULAS-PARÊNTESES.

e) com determinantes adverbiais deslocados, que bipartem uma estrutura oracional coesa. A virgulação parentética se torna de maior rigor se isoladora de circunstância em forma de grupo nominal, oração reduzida, ou desenvolvida. Veja:

As duas professoras₁ tendo sido aprovadas no concurso₂ deram o aviso...

As duas professoras₁ com aprovação no concurso₂ deram o aviso prévio...

(DEQUI, 2008, p.234 a 236)

Deste modo, é possível observar que as vírgulas parênteses são mais usadas do que se imagina. Mas, é importante lembrar que “quem abre um parêntese, deve fechá-lo”, diz Dequi.

O professor neodidático identifica a segunda norma como Vírgula adverbiação indireta, a qual ocorre quando há o deslocamento do advérbio para o início da oração, ele deve ser isolado por vírgula. Dequi aponta que

O deslocamento do determinante 4 (advérbio nas suas quatro formas) para o começo da oração, deve ser isolado por vírgula, principalmente, se essa circunstância postada em ordem indireta tiver forma de grupo nominal ou de oração. Observe:

nome 4 + nome 1 + verbo 2 + nome 3

(,)

Então₂ todos o aplaudiram.

No final do discurso₂ todos o aplaudiram.

Encerrado o discurso₂ todos o aplaudiram.

Quando encerrou o discurso₂ todos o aplaudiram.

Lembre-se: a seta que ruma da esquerda para a direita informa a ordem indireta.

As orações reduzidas de gerúndio e de participio, antepostas ao verbo de quem são determinantes, enquadram-se na regra da adverbiação indireta. Exemplos:

Constatado o erro₂ a punição foi inevitável.

Ponderando os prós e os contras₂ decidiu permanecer.

A oração adverbial, na ordem direta, ACEITA vírgula facultativa, principalmente, quando for muito extensa.

O velho cidadão e a esposa saem₂ sempre que os convidam para alguma festa. (DEQUI, 2008; pp.237 e 238).

A Neopedagogia da Gramática explica que o advérbio pode aparecer em quatro formas distintas (forma de palavra, grupo nominal, oração reduzida ou oração desenvolvida). Percebe-se que o advérbio anteposto deve ser isolado por vírgula em qualquer uma das quatro formas, sendo que na forma de palavra a vírgula é facultativa.

A terceira norma para aplicar corretamente as vírgulas possíveis no nosso idioma é citada por Dequi como Vírgula coordenação assindética. O autor denomina que

Se uma posição da fórmula oracional for preenchida por diversas peças coordenadas (em qualquer das quatro formas), devem-se isolar os polos coordenados, com vírgula, ou uni-los com conectivos coordenativos. Veja coordenação de núcleo, núcleo **e** núcleo + verbo + núcleo, núcleo **e** núcleo + núcleo, núcleo **e** núcleo Joel viu o menino quieto, triste, pálido **e** sonolento.

Comprou um belo imóvel, duas barcas, algumas cabeças de gado **e**...

Estudando muito, meditando um pouco, escrevendo com calma, você faz...

Lembre-se: o verbo é o líder sintático da oração, por isso, ligamos as frases tocando neles.

Muitas vezes, o conjunto das orações coordenadas constituem determinante composto de palavra de outra oração.

Desejamos que o réu fale, que seja sincero, que não olhe para o procurador **e** que...

Se ele vier, se ele me pedir desculpa, se prometer não mais me xingar, voltarei.

Podemos também ter orações desenvolvidas simplesmente coordenadas entre si, sem ser determinante uma da outra. Neste caso, isolam-se por vírgulas ou por "e".

Entrou no salão, reclamou da luz, solicitou uma caipirinha e começou a folia.

A vírgula entre orações coordenadas assindéticas (sem a conjunção "e"):

Foi à cidade, comprou o disco **e** voltou logo.

Observação: A vírgula entre o nome da localidade e a data, usados no início ou no encerramento das correspondências e de outros documentos, é explicada pela regra da coordenação assindética. Têm-se, nesses casos, dois determinantes adverbiais coordenados entre si: um de lugar, outro de tempo. De qualquer maneira, encarados sintaticamente, são peças coordenadas entre si. Veja elucidação:

Canoas, 28 de outubro de 1977.

(Carta ou requerimento escrito em Canoas, no dia 28 de outubro de 1977.)

O conectivo "E", normalmente, dispensa a vírgula entre peças coordenadas aditivamente. Todavia, a inclusão de orações interferentes, ou de expressões parentéticas pode criar estas situações:

- a) vírgula depois de E;
- b) vírgula antes de E;
- c) vírgula antes e depois de E.

Exemplos:

Sila corre demais **e** olha para os lados. (normal)

Sila corre demais **e**, enquanto dirige, olha para os lados.

Sila corre demais, disse ela, **e** olha para os lados.

Sila corre demais, disse ela, **e**, enquanto dirige, olha para os lados.

DEQUI, 2008, pp. 238 a 240)

A norma apresentada mostra que há casos em que a vírgula não substitui o "e", mas vem junto dele para uma melhor redação do texto.

A quarta norma apresentada pela neodidática é a dita Vírgula pré-conjuncional que é aquela que aparece com todas as conjunções nas orações coordenativas que têm, segundo Dequi, a propensão de serem precedidas por pausa. Ele cita que

Excetuada a conjunção aditiva E, todas as tradicionais coordenativas têm propensão a serem precedidas por pausa. Consequentemente, todas podem ser separadas por vírgula "pré-conjuncional." Portanto, mesmo que sejam sindéticas (com conjunção), as orações abaixo podem ser separadas por vírgula.

A espada vence, mas não convence.

Joelma ora sorria, ora chorava.
 Não és formado, portanto serás excluído.
 Não o sigas, que vais te arrependar. (DEQUI, 2008; pág.240).

Percebe-se, nesse caso, que a vírgula é colocada antes de algumas conjunções pausadas, com a finalidade de isolar as orações coordenadas (com exceção das iniciadas por “e”), e para enfatizar as ideias por elas traduzidas.

Na quinta regra, encontra-se a explicação para a Vírgula Elíptico-verbal, a qual é aplicada para representar a ausência de um verbo. Dequi diz

Se a vírgula representa o verbo, na sintagmática, nada mais óbvio do que fazer a seta essencial partir desse sinal. E, na numeração posicional, nada mais claro do que o 2 posicionar-se sobre essa vírgula. Veja os dois fatos na fórmula da oração:

nome 1 + verbo 2 + nome 3 + nome 4
 (,)

A vírgula pode marcar a supressão de um verbo facilmente subentendido. Por sinalizar uma elipse e mentalizar o verbo, denominamo-la de "vírgula elíptico-verbal". Eis alguns exemplos:

Mario contribui com R\$ 100,00 e sua esposa, com R\$ 50,00.

Eu escrevo com tinta azul e tu, com tinta preta. (DEQUI, 2008, p.241)

Ao ler as orações acima, é possível perceber que a vírgula ocupa a posição que é do verbo. Portanto, vê-se claramente que esse sinal gráfico está sinalizando a omissão do termo 2 da estrutura oracional que está elíptico.

A sexta norma é a chamada Vírgula Vocativa. A Neopedagogia da Gramática explica que o vocativo não possui função sintática dentro da oração. Sendo assim, sempre que ele aparecer no início ou no final de uma frase deve-se isolar por vírgula. Dequi expõe

Sendo o VOCATIVO um assintagma (termo sem função sintática), não possui número posicional na fórmula da oração. Portanto, sua inclusão na oração deve ser isolada por uma vírgula, se for final ou inicial da frase. (O assintagma não é determinante, nem determinado).

Meus camaradas, os chefes querem mesmo a nossa demissão.

Meu anjo, deixe essas preocupações para as suas horas de gabinete. (DEQUI, 2008, pp. 241 e 242)

Percebe-se, claramente, nos casos mostrados por essa regra, que todos os vocativos devem ser isolados por vírgula. Para a Neopedagogia, eles não apresentam função sintática. E, no caso de não os isolar com vírgula, os vocativos podem exercer outros papéis na oração. Se disser, *vou lhes contar uma coisa, pessoal*, tem-se vocativo; porém, se disser *vou lhes contar uma coisa pessoal*, o que antes era vocativo passa a ser adnome (que vem junto do nome, pela Neopedagogia) e especifica qual tipo de coisa vai ser contada.

A última regra mencionada por Dequi é a chamada Vírgula subjetiva que, dependendo da colocação, muda completamente o sentido da estrutura frasal. O autor cita

Há pausas (vírgulas ou pontos) que não se apoiam nas justificativas sintáticas acima, mas no intuito de comunicar clareza ao texto, na necessidade de evitar anfibologia, ou no cuidado de adotar estilo mais vivo e movimentado.

Virgular mal aqui não é erro grave.

Virgular mal, aqui, não é erro grave.

Virgular mal, aqui, não, é erro grave.

Virgular mal, aqui não é erro grave.

Aqui, virgular mal não é erro grave.

O emissor, dependendo da mensagem que nos pretende comunicar, localizará a vírgula. A pontuação mal aplicada poderá frustrar a comunicação pela ambiguidade ou obscuridade. Deve, entretanto, respeitar os casos de vírgulas proibidas.

Há, pois, casos em que não existe proibição nem obrigatoriedade de virgular ou pontuar. O ritmo, a melodia, a clareza, o autor, enfim, optará pela virgulação ou não. Eis aí a pontuação subjetiva.

Mais exemplos:

Afugentei a turma com cigarro.

Afugentei a turma, com cigarro.

Colar não é falta grave.

Colar não, é falta grave. (2008; pág.242)

De acordo com Dequi, é importante que o emissor saiba exatamente a mensagem que deseja transmitir e que pontue as vírgulas nas posições corretas, de acordo com o que deseja transmitir. Caso contrário, a mensagem a ser transmitida poderá não ser compreendida ou poderá ser distorcida em função de não estar clara.

6 As mensagens que a vírgula esconde

A vírgula, como se analisou nos itens anteriores, pode modificar a mensagem ou distorcê-la. Seguindo a Neopedagogia, no que se refere à vírgula subjetiva, percebe-se que encontramos muitos outros exemplos de distorções e mensagens ocultas pelo uso incorreto deste sinal de pontuação. Observe mais esses exemplos:

O carro preto tem destas coisas.

O carro, Preto, tem destas coisas.

Com base nos exemplos, compreende-se que no primeiro caso, fala-se de um carro preto, já na segunda oração, fala-se de uma pessoa, cujo pseudônimo é Preto.

Nota-se claramente que só o deslocamento do sinal gráfico modificou completamente o sentido da oração. Veja outro exemplo:

Agora! Não deixes para depois!

Agora não, deixa para depois.

Aqui, novamente, se apresenta textos onde a vírgula muda a mensagem. No primeiro caso, fala-se em fazer algo imediatamente. Já, na segunda oração, a vírgula pede que não o faça agora, assim sendo, menciona o contrário da mensagem inicial.

A vírgula é tão importante que pode, também, mudar o veredicto de um julgamento, condenando ou não o réu. Repare nos seguintes exemplos:

Inocente, não! Condenem-no!

Inocente, não o condenem!

Inocente! Não o condenem.

Repare que, nos exemplos expostos, têm-se três leituras diferentes. Na primeira oração, condena-se o réu, na segunda, pede-se ao Senhor Inocente que não condenem o réu e, na terceira, declara-se o réu inocente e pede-se que não o condenem. Essas três leituras são possíveis através do deslocamento da vírgula. É o que acontece no próximo texto. Uma vírgula deslocada salva uma cidade.

Conta a história que, na antiguidade, um imperador estava indignado com a população de uma cidade – por motivos políticos, é claro. O governador passou-lhe, então, um telegrama perguntando:

- Devo fazer fogo ou poupar a cidade?

A resposta do monarca foi:

- Fogo, não poupe a cidade!

O telegrafista, muito humano, salvou a cidade trocando a posição da vírgula, já que o governador recebeu a seguinte mensagem:

- Fogo não, poupe a cidade! (SACCONI, 2004. p. 514).

Percebe-se, portanto, que o mau emprego da vírgula pode distorcer ou mudar completamente o sentido da oração e da mensagem. Para exemplificar, analise a seguinte oração: “Se o homem soubesse o valor que tem a mulher andaria de quatro à sua procura.⁶”.

As mulheres, ao redigirem a oração, colocam a vírgula após o nome “mulher”, já os homens, geralmente a colocam após o verbo “ter”. Sendo assim, cada qual busca valorizar-se trocando a posição da vírgula e as orações das mulheres e dos homens ficariam assim, respectivamente:

⁶ Texto disponível em: <http://br.livra.com/pick/se-o-homem-soubesse-o-valor-que-tem-a-mulher-andaria-de-quatro-a-sua-procura/125961231/>. Acesso em 08 de março de 2012.

Se o homem soubesse o valor que tem a mulher, andaria de quatro à sua procura.

Se o homem soubesse o valor que tem, a mulher andaria de quatro à sua procura.

Com base nessa tessitura textual, percebe-se que a vírgula subjetiva realmente muda o sentido da estrutura oracional. Observe outros exemplos:

Não quero que ela se mude daqui.

Não, quero que ela se mude aqui.

Não fale depressa.

Não, fale de pressa!

Maria faz a lição.

Maria, faz a lição!

Quero escrever claro.

Quero escrever, claro.

Enquanto Adão comia, Eva pensava na vida.

Enquanto Adão comia Eva, pensava na vida.

Olha lá, o garoto cabeçudo.

Olha lá o garoto, cabeçudo.⁷

Mais uma vez, os exemplos mostram as diferentes leituras possíveis em uma mesma frase, apenas com o deslocamento da vírgula ou com a extração dela. É o que acontece também com o exemplo abaixo.

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro./ Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe. Do fazendeiro, era também o pai do bezerro.⁸

Além destes exemplos, há alguns fatos históricos em que a vírgula foi causa de confusão:

A VÍRGULA FATAL

A czarina russa Maria Fyodorovna certa vez salvou a vida de um homem, apenas mudando a vírgula de sua sentença de lugar. Muito inteligente, ela que não concordava com a decisão de seu marido, Alexandre II, usou o artifício a seguir.

O Czar enviou o prisioneiro para a prisão e morte no calabouço da Sibéria. No fim da ordem de prisão vinha escrito: “Perdão impossível, enviar para Sibéria”

⁷ Texto disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/42806400/A-Cachorra>. Acesso em 08 de março de 2012.

⁸ Texto disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/sualingua/2009/05/04/pontuacao-charadas-resolvidas/>. Acesso em 13 de abril de 2012.

Maria ordenou que redigissem nova ordem, e fingindo ler o documento original, mudou uma vírgula, transformando a ordem em: “Perdão, impossível enviar para Sibéria” e o prisioneiro foi libertado.

A VÍRGULA DE UM MILHÃO DE DÓLARES

Pode parecer incrível, mas uma única vírgula causou uma confusão e prejuízo terrível para o governo dos EUA. A história é a seguinte: Na lei de tarifa alfandegária aprovada pelo congresso em 6 de junho de 1872, uma lista de artigos livres de impostos incluía: “plantas frutíferas, tropicais e semitropicais”.

Na hora de escrever o documento, um funcionário público distraído acrescentou sem perceber uma nova vírgula, deixando o texto assim: “plantas, frutíferas, tropicais e semitropicais”.

Isso fez com que todos os importadores de plantas americanos pleiteassem o direito de importação livre de impostos. Isso causou uma fortuna em impostos aos cofres dos EUA, e a lei só foi reescrita em 9 de maio de 1894. O desastrado funcionário público, ao que parece, não foi demitido.

A VÍRGULA DA DIETA DOS PANDAS

O fascínio popular com erros de gramática valeu a Lynne Truss vários milhões de libras, quando seu livro sobre pontuação, “*Eats, Shoots and Leaves*” – Uma frase encontrada num comentário sobre a dieta dos pandas – chegou ao topo da lista de best sellers no Reino Unido e nos Estados Unidos nos anos de 2003 a 2004. (nosso leitor Igor esclarece: “*Eats, Shoots and Leaves*” com a vírgula, significa “Come, Atira e Vai Embora”. No documentário sobre Pandas, eles provavelmente queriam dizer sem a vírgula (*Eats Shoots and Leaves*). O que significaria “Come Brotos e Folhas”.)

A VÍRGULA DA BLASFÊMIA

A vírgula já causou embaraço também para os religiosos. Em várias edições da Bíblia do rei James, Lucas 23:32 é alterado inteiramente pela maldita vírgula. Não por ela, mas sim pela falta dela. Na passagem que descreve os outros homens crucificado com Cristo, as edições erradas dizem: “E havia mais dois outros malfeitores.” A falta da vírgula colocou Cristo como malfeitor na própria Bíblia. O correto seria “E havia mais dois outros, malfeitores”.⁹

Os exemplos expostos reafirmam a importância de um estudo aprofundado sobre a vírgula para uma comunicação sem ruídos. Tomando apenas este último, que sem o uso da vírgula traz Cristo como malfeitor, resolver-se-ia facilmente ao colocar a vírgula, como no exemplo, já que, deste modo, dir-se-ia que Jesus ficou entre outros dois e que estes dois eram malfeitores.

Há que se ter muito cuidado ao empregar a vírgula. Ou se estuda seus usos, e vê-se que, pela Neopedagogia este estudo se torna mais fácil, ou se corre o risco de errar na colocação de uma vírgula ou mesmo de suprimi-la deixando o texto ambíguo ou sem possibilidade de compreensão.

⁹ Texto disponível em: <http://www.mundogump.com.br/as-mais-incriveis-confusoes-causadas-pela-vingula/>. Acesso em 21 de fevereiro de 2012.

7 Considerações finais

Considerando o uso da vírgula, analisando tanto na Neopedagogia, quanto na gramática tradicional, observa-se que a vírgula é o sinal de pontuação com maior variedade de uso. Ela marca uma pausa, intercala orações, marca fronteiras entre orações, dá ênfase, colabora com a elipse, além de substituir outros sinais. O uso correto desse sinal de pontuação é de suma importância para uma boa comunicação já que, como visto, seu mau uso pode modificar a mensagem a ser transmitida ou torná-la ambígua. Faz-se necessário um estudo detalhado da vírgula para evitar erros indesejáveis.

Para aprimorar o domínio dos sinais gráficos, em especial, da vírgula, recomenda-se o estudo pela Neopedagogia, pois o método é simples, apresenta apenas sete regras, as quais foram pesquisadas pelo professor Dequi. A Neopedagogia da Gramática é fascinante e está pronta para “levar a perceber” o uso da vírgula e uma série de outros recursos gramaticais utilizados no dia a dia e que se tornam muito simples de serem percebidos e compreendidos.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

DEQUI, Francisco. *Redação por Recomposição*. 12. ed. Canoas: Centro de Estudos Sintagmáticos – IPUC, 2002.

_____. *Sintagmática: identificação de determinantes e determinados*. 6. ed. Canoas: IPUC, 2008.

_____. *Interpretação Objetiva (com apoio sintagmático)*. Canoas: CES, 2006.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. 28. ed. ver. atual. São Paulo: Harbra, 2004.

VANZING, Alceu. *Confronto Gramatical – Bechara x Dequi*. Canoas: Faculdade de Tecnologia IPUC – FATIPUC, 2011.